

ANTÓNIO DA COSTA LOPES

Para uma velhice formosa



BRAGA



ó e s



3)
13.68(047.53)
OP

99

Respostas a perguntas de
ARTUR AZEVEDO
Estudante Universitário

A
Biblioteca Municipal de Barcelona

Oferece

PARA UMA VELHICE FORMOSA

o autor,

Al. Lopes.

Barcelianae

C. M. B.

BIBLIOTECA MUNICIPAL

ESTANTE:

N.º 48086

Peren.

ANTÓNIO DA COSTA LOPES

Para
uma
velhice
formosa



BRAGA

Edições

Porta Aberta

1999

Respostas a perguntas de
ARTUR AZEVEDO
Estudante Universitário

EXPLICAÇÃO PRÉVIA

Tendo em conta a oportunidade e o valioso conteúdo desta entrevista, da qual apenas um longo extracto aparece no boletim *Porta Aberta*, pareceu-nos boa a iniciativa de a publicarmos toda no presente opúsculo, que é o número um de “Edições PORTA ABERTA”.

Por outro lado, atenta a variedade de tópicos versados na entrevista, julgámos útil, motivador, o seguinte

ÍNDICE TEMÁTICO

Inconsequências modernas e pós-modernas...	11
O que é envelhecer	12
... “amigo, quanto mais velho melhor”	12
O idoso, mestre na sociedade	12-13
Papel do idoso na Igreja	14
Filosofia e teologia... num campo de concentração	14-15
Jean Guitton, Fontenelle, etc., e o <i>Eclesiástico</i>	16-17
Energia espiritual, disciplina, <i>carpe diem</i> e Bobby Robson...	17-19
Ideal apaixonadamente seguido, e guias/modelos	19-22
Vegetarianismo	22-23
Ao serviço dos idosos, neste Ano Internacional e já antes...	23-25
O problema da solidão na terceira idade	26
<i>Porta Aberta</i> e o Ano Internacional das Pessoas Idosas ...	10 e 27



APRESENTAÇÃO

Cónego da Sé de Braga, investigador e docente da Universidade Católica Portuguesa, o Professor Doutor António da Costa Lopes é também director do IMA (Instituto Monsenhor Airosa).

Entre as suas numerosas publicações (livros e colaboração em jornais, revistas e encyclopédias), salientam-se as que versam temas filosóficos e histórico-literários. Quanto a revistas, razões temos para distinguir a Cenáculo: tem colaborado nela desde o primeiro tomo, e serviu-a também como redactor e director.

Na preparação do doutoramento em Roma (Faculdade de Filosofia da Universidade Gregoriana) e para subsequentes investigações, frequentou os centros de cultura de Londres, Oxford, Berlim, etc. Um tanto alheio a associações científicas/academias (que, no entanto, aprecia e respeita), aceitou apenas, em 1956, o convite da Comissão do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique para efectuar, como bolseiro, investigações nalguns dos principais arquivos da Inglaterra.

À sua mais recente publicação deu o título seguinte: Envelhecer: um problema e uma arte. Por isso e porque 1999 é o Ano Internacional do Idoso, quisemos ouvi-lo a propósito. Foi uma conversa longa e cheia de interesse, da qual, no Porta Aberta, apresentamos um extracto apenas.

ANTÓNIO DA COSTA LOPES

ENVELHECER :
UM PROBLEMA E UMA ARTE



BRAGA
LAR CONDE DE AGROLONGO
1999
ANO INTERNACIONAL DO IDOSO

Não lhe parece que a sociedade actual é inconsequente? Por um lado, permite, ou promove até, comportamentos de degradação, de estragação da juventude, e, por outro, tenta diariamente travar, adiar ou vencer o envelhecimento...

Pelo menos em parte, é resultado do menos-prezo ou desprezo do valor religioso nos nossos dias. Sem a educação para esse valor, sem a vivência desse valor, as energias, faculdades e funções do homem facilmente resvalam na falta de unificação, de harmonia, de equilíbrio.

E não são apenas os pensadores cristãos que isto declaram. Também outros o dizem ou escrevem, a seu modo - por exemplo, Max Planck, o da física quântica.

E, dada aquela falta, explicados estão muitos dos contrastes modernos e pós-modernos: contrastes ou incoerências, por exemplo, em ser-se tão exigente, tão desejoso de informação e exactidão relativamente a certas questões, e tão ignorante ou descuidado quanto a outras, muito mais importantes ou mesmo vitais; em ser-se progressivo ou progressista por um lado, e estacionário ou retrógra-

do por outra parte.

O que é envelhecer?

É ficar ou ir ficando deteriorado em alguma ou algumas das actividades vitais. Mas, tratando-se do envelhecimento mais propriamente humano, entenda-se que ele consiste principalmente na degradação ou degenerescência da energia espiritual - nomeadamente, da energia da reflexão e da vontade.

“Vinho, ouro e amigo, quanto mais velho melhor”, diz o ditado popular.

À medida que vai crescendo a idade biológica - a do bilhete de identidade -, nem por isso o adulto ou o idoso fica diminuído em tudo: pelo contrário, pode e deve ir crescendo no saber de experiência feito, que é condição para a qualidade de vida e para a qualidade da amizade.

Então, o idoso pode ser um mestre na sociedade?

Pode, sim, mesmo sem pretender sê-lo. Recordo, a propósito, uma página da tese de doutoramento do Sr. Prof. Amadeu Torres, na qual se diz que certo leitor de um opúsculo de Damião de Góis se tornou “mais velho”, isto é, mais sábio, pelas coisas aprendidas nesse opúsculo.

Numa sociedade tão complexa, que papel fica para o idoso?

Li, já não sei onde, que “a experiência é o eterno mote dos velhos”... Claro que não basta possuir muita experiência nem citar constantemente a nossa própria experiência. Muito mais importante é *ler* a experiência, reflectir, raciocinar sobre a experiência - sobre a nossa e a dos outros.

Se o idoso isto fizer, tornar-se-á um mestre de vida, onde quer que se encontre, e ainda que não pretenda ser doutor... em velhice.

Em casa, por exemplo, quanto bem podem fazer os avôs e as avós! Fora de casa, o mesmo se diga: nas instituições de solidariedade, nas paróquias, etc., não faltam tarefas que podem ser confiadas ao voluntariado altruísta de pessoas de idade.

E, na Igreja, que papel pode o idoso desempenhar?

Pode ter papel importante ou mesmo importantíssimo, conforme acabo de lembrar - principalmente se ao longo da vida se preocupou deveras com o valor supremo, que é o valor religioso. E “preocupar-se”, neste contexto, é procurar informação séria, reflectir, aprofundar conhecimentos, e procurar vivê-los coerentemente na prática.

A pessoa idosa, sobretudo então, poderá exercer na Igreja funções de grande responsabilidade. Uma destas é o serviço da catequese. Eventualmente, o idoso poderá até descobrir em si próprio uma vocação superior - por exemplo, a vocação para o sacerdócio - e realizar dignamente, embora tardiamente, essa vocação. Isto mesmo sucedeu, há pouco ainda, em Braga, como é sabido.

Gostaria que, nesta linha de ideias, me dissesse um pouco mais, na sua qualidade de professor de *Filosofia* numa Faculdade de *Teologia*...

Certamente, não está a pedir-me um longo discurso acerca da antiga qualificação da filosofia

como *ancilla theologiae...* discurso que viria a tropeçar na obra de Kant sobre *O conflito das Faculdades*. Prefiro, antes, deixar-lhe uma frase do meu professor de Textos de Aristóteles, que depois foi arguente na minha defesa de tese. Estou a falar do jesuíta Luís Kořínek, que tinha passado pelas durezas de um campo de concentração, no qual fora companheiro de ateus e acatólicos. Aí, com a máxima cautela, exerceu o apostolado que lhe foi possível. Pois bem: a frase que lhe ouvi (e mais pessoas a ouviram) é a seguinte:

“Para esse apostolado, mais útil me foi a filosofia do que a teologia.”

Isto dá que pensar...

Dá, sim. E é de supor que, se o Padre Kořínek assim falava, é porque tinha sido bom estudante de Filosofia e não se limitara apenas à filosofia aristotélico-escolástica... Aliás, este professor da Gregoriana conhecia bem a filosofia moderna e contemporânea, sobretudo a eslava: dele conheço um trabalho sobre um notável filósofo russo falecido em 1948: Berdiaef.

“Uma velhice formosa e alegre não se improvisa: é uma vitória que tem de ser preparada de longe, a tempo e horas.” Esta frase - a última do seu livro *Envelhecer: um problema e uma arte* - aparece, aí, relacionada com “o nosso contemporâneo Jean Guitton”. Quer comentar?

O livro foi publicado - apresentado em público - no passado dia 18 de Março. Mal eu sabia que, menos de uma semana depois, esse grande pensador e escritor viria a falecer com quase cem anos de idade (nascera em 1901). Ele é mais um exemplo, comparável aos que referi em páginas anteriores (Miguel Ângelo, Goethe, Laplace...) - - mais um exemplo de como se pode manter, viva e criativa, a juventude de espírito até idade bastante avançada.

Nem era de todo necessário recorrer às palavras de Fontenelle, que citei na conclusão do opúsculo: tendo morrido um mês antes de completar os cem anos, declarava esse escritor que a idade mais feliz da sua vida fora a “dos sessenta aos oitenta anos” - a idade em que usufruímos aquilo que anteriormente semeámos, a “hora de fazer a colhei-

ta”. Afinal, mais de dois milénios atrás, deixou-nos a Bíblia uma séria advertência, no livro do *Eclesiástico*: logo após uma grave censura contra o “ancião adúltero e insensato”, aí se lê:

“Como acharás, na velhice, aquilo que não ajuntaste na juventude?”

Como é que se há-de preparar de longe, a tempo e horas, uma velhice “formosa e alegre”? Como tem preparado a sua?

Ninguém sugerirá, por certo, que o jovem ou a criança tenha de pensar, *continuamente e expressamente*, na sua futura velhice... Eu próprio não fui habituado a pensar assim.

O que mais importa é proceder *como se* desse modo se pensasse. E isto verificar-se-á, se a gente nova for ajudada e treinada para manter e desenvolver a energia espiritual da reflexão, da vontade, da disciplina moral.

Disciplina... Afinal, o que mais consta ou mais se vê por aí, principalmente em certos noticiários e em tantos lugares públicos ou de diversão, e mesmo em escolas, é a indisciplina...

Foi por isso que, logo no princípio do nosso diálogo, falei de estragação da juventude.

Falou verdade, infelizmente.

Há um provérbio que diz: “a verdade não quer enfeites”... Não falta, todavia, quem diga e aprove aquela expressão latina: *carpe diem*. Ela foi, mesmo, escolhida por nós, do *Porta Aberta*, como tema para esta edição do nosso boletim...

Quanto a aceitar ou rejeitar essas duas palavras de Horácio, tudo depende do sentido e do contexto ou circunstância em que as empreguemos:

A expressão tem sido traduzida dos seguintes modos: “goza do dia (presente)” e “aproveita o dia (presente)”. Se a entendermos como um desafio para que aproveitemos *bem* o tempo, é uma boa máxima, que, posta em prática, mais tarde ou mais cedo nos trará contentamento. Devemos, porém, rejeitá-la, se admitirmos, com certos autores, que *carpe diem* se tornou “divisa do descuidado e do egoísta”; e, pior ainda, se entendermos a expressão como um convite ao hedonismo des-

regrado, à indisciplina moral, que tantas ruínas causa, entre a juventude principalmente.

Mas... a propósito, ainda que não pareça: o meu Entrevistador é portista?

Do coração!

Oiça ou leia, então, estas linhas de Bobby Robson, transcritas hoje mesmo no *Correio do Minho*: “O F C Porto é fenomenal! A razão? Simples: disciplina, entrega, sacrifício, trabalho, muito trabalho.”

E muito *ideal* também.

Tirou-me a palavra da boca, e ainda bem: porque, há momentos, quando me interrompeu...

Desculpe...

Quando me referi à energia espiritual da reflexão, da vontade, da disciplina moral, queria acrescentar isto, que, especialmente para os jovens, é muito importante: para manter, desenvolver e ori-

entar aquela energia, contribui muito, muitíssimo, a formação, formulação e fixação de ideais que valham a pena de os seguirmos apaixonadamente.

Pela maneira como fala, como acentuou e encareceu o que agora mesmo acaba de dizer, vê-se que não descurou a sua preparação para a terceira idade, e que se mantém agarrado a um ideal há muito definido.

Pelo menos, tenho-me esforçado nesse sentido.

Quer dar um só exemplo que seja?

Estou agora a preparar a edição, quanto possível definitiva, de um estudo - uma pequena-grande descoberta histórico-literária - que publiquei, aos 17 anos de idade, no tomo I da revista *Cenáculo*.

Dizem os entendidos que, para formarmos um ideal e nos mantermos decididamente fiéis a ele, é de grande importância termos diante dos olhos ou no pensamento alguma pessoa que

nos sirva de modelo, guia, estímulo.

Plenamente de acordo, até porque não são só os maus exemplos que arrastam: as boas influências também!

Se não é perguntar demasiado, poderei saber quem foi que o influenciou e marcou mais, para ser o que tem sido e como tem sido?

Não perguntou de mais... Eu é que não lhe sei responder com a desejável exactidão, pois convivi, em lugares e ambientes diversíssimos, com pessoas muito diversas - algumas ainda vivas - cujos comportamentos e modos de encarar e viver a vida me puderam ser benficialmente inspiradores e estimulantes. E o que digo das convivências, digo-o também - e não menos - das leituras, às quais desde muito novo me afeiçoei.

Além disso, não me considero demasiado influenciável. Por vezes, gracejando, assim me descrevo, no tocante a opiniões: já me custa carregar com as minhas, quanto mais com as dos outros...

Todavia, não faltará quem me tenha ouvido dizer, a sério, qualquer coisa como isto: as pessoas a quem mais devo, inclusive culturalmente, foram duas: a minha Mãe e o Sr. Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha.

Sei que é vegetariano...

Sou, de facto, desde 1982, ano em que tive dúvidas sobre a minha saúde física - dúvidas que rapidamente desapareceram, graças ao regime alimentar.

E, já que me oferece a oportunidade, aqui deixo uma prevenção:

Relativamente a beber e comer, os abusos daníficos não são somente aqueles de que sempre se tem falado, como o alcoolismo, e certas modas novas, como a do *fast food*. Também pode haver um vegetarianismo aventureiro, desastrado: quero eu dizer que o regime vegetariano deve ser orientado por um médico verdadeiramente competente.

Ainda há poucos anos, faleceu um homem bastante novo a quem tantas vezes chamei a atenção para a necessidade de corrigir o seu vegetarianismo indisciplinado. Não quis saber, e com a

sua morte provou que, também quanto a saúde física e alimentação, a disciplina promove e a indisciplina despromove, se é que não mata mesmo.

Se neste Ano Internacional do Idoso pudesse oferecer um presente colectivo, que oferecia?

Não oferecia: já ofereci. E ainda bem que usou a palavra “colectivo”: com efeito, embora tenha sido muito marcada a minha pessoal contribuição para alguns eventos do Ano Internacional das Pessoas Idosas, o certo é que a respectiva iniciativa primeira não tem sido minha - tem sido colectiva, pelo menos até hoje.

Quer exemplificar?

Foi da Associação de Estudantes da vossa Faculdade, através do grupo directivo do boletim *Porta Aberta*, ao qual pertence o meu Entrevistador - foi daí que partiu a ideia desta entrevista.

E foi de um grande e prestigioso lar de terceira idade que proveio igualmente a iniciativa do

memorável acontecimento social e cultural de 18 de Março último. Refiro-me ao Lar Conde de Agrolongo, cuja dinâmica Direcção me convidou a cooperar duplamente: com a actuação, por mim dirigida, do Orfeão do IMA, acompanhado a órgão pelo Prof. António Costa Gomes; e com a referida publicação, editada por esse mesmo lar e nesse dia apresentada perante assistência muito numerosa.

Acrescento, ainda, que o Orfeão do IMA está convidado para actuar em solene ocasião, fora de Braga, noutra lar; e que a Oficina de Teatro do IMA, também por mim dirigida, já começou a trabalhar para a criação e execução de uma peça de



Em 18 de Março, agradecendo a apresentação do livro, o Autor promoveu em voz alta a reflexão.

teatro na qual a gente idosa será tida em conta.

De resto, o meu interesse por este período etário não vem de agora, não esperou por este Ano Internacional. Saudosamente recordo as oportunidades que tive, entre 1954 e 1963, de conviver com pessoas e comunidades de terceira idade, em Londres e Berlim. Demais, quanto aos grupos artísticos do IMA, por mim fundados e que têm actuado na maior parte dos distritos de Portugal e também no estrangeiro, posso dizer que o número de actuações destinadas a espectadores idosos eleva-se a mais de uma dezena.

E, já que repetidamente falei destes grupos artísticos do Instituto Monsenhor Airosa, deselegante seria omitir uma palavra de justo apreço, respeitante às dezenas de Meninas que os compõem e às Irmãs educadoras que activa e dedicadamente as acompanham.

Essa palavra aqui fica.

Vamos terminar?

Já não é sem tempo.

É claro que o tema deste Ano Internacional não fica esgotado, nem com o meu opúsculo já

referido, nem com esta entrevista, que de algum modo serve de complemento a essa publicação. Por exemplo, nesta nossa conversa, nada foi dito acerca do grande problema que é, frequentemente, o da solidão da pessoa idosa, mesmo quando esta vive no seu lar doméstico, porventura habitado por um bom número de familiares: é que, não raro, alguns dos familiares, ou todos eles até, passam o dia todo ou grande parte do dia fora de casa, nas suas lides profissionais, na escola, etc. Nestes casos, o problema da solidão poderá ser minorado, se não resolvido, com o hábito da leitura (“quem lê, nunca está só”) e com a voluntária ocupação do tempo em tarefas às quais já fiz referência.

Mas... fiquemos então por aqui.

Por nossa parte, queríamos terminar fazendo um pedido. E digo “queríamos”, porque, tendo falado com o Carlos Lopes, meu parceiro do *Porta Aberta*, concluímos o seguinte:

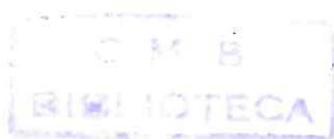
Dada a extensão da entrevista, impossível seria publicá-la toda nas poucas páginas disponíveis do boletim *Porta Aberta*. Por isso, tendo

em conta a oportunidade e o valioso conteúdo, pareceu-nos boa a ideia de publicarmos a entrevista por inteiro, num opúsculo que seria o número um de “Edições PORTA ABERTA”, e colhermos daí um longo extracto para o boletim.

Concorda?

Concordo, sim, e agradeço até.

Obrigado... obrigados nós.



FICHA TÉCNICA

TÍTULO: *PARA UMA VELHICE FORMOSA*

Autores: António da Costa Lopes

Artur Jorge de Amorim Azevedo (entrevistador)
E-mail: artur_j@yahoo.com

Capa: Manuel António de Sá Lopes

Orientação Gráfica: Carlos Manuel Fernandes Lopes

Execução Gráfica: Tip. Manuel de Oliveira L.da – Braga

Depósito Legal: 139563/99



biblioteca
municipal
barcelos



48086

Para uma velhice formosa